

A senhora crítica teatral Daniele Avila Small,

Vimos por meio deste direito de resposta agradecer a "crítica" da senhora, mas infelizmente a avaliamos como um texto totalmente desconectado do que está sendo apresentado (podemos e vamos te apontar o porquê) e mais ainda, infelizmente bastante racista.

Não estamos aqui para ensinar uma teórica caucasiana a falar ou escrever sobre Teatro Negro, mas infelizmente nosso papel ainda é de educar a branquitude diante nossos produtos e principalmente apontar os racismos e violências que continuam perpetuando suas falas e escritas em nossos produtos, textos, corpos e principalmente nossas estéticas.

Mas vamos a crítica e a seu cunho racista ali imposto.

O seu título já nos coloca de frente a uma ideia contrária ao que expomos no espetáculo. A todo momento essa masculinidade inquebrável e monolítica que você diz estar presente é colocada a prova. E que independentemente de opção sexual, homens negros são obrigados a ter que expressa-la de forma viril a todo momento sem qualquer possibilidade de sensibilidade ou fragilidade. Da primeira frase do texto, até a última essa masculinidade está a prova, acreditamos que o racismo acadêmico não tenha aprofundado o olhar enraizado da senhora. O que evidencia mais ainda que a branquitude NÃO COMPREENDE e infelizmente não tem capacidade teórica, prática e nem técnica para avaliar nossos trabalhos. O racismo acadêmico acaba limitando os olhares caucasianos a estéticas ocidentais e eurocentradas.

O racismo começa quando a senhora faz a leitura do produtor do espetáculo, que está ali dando avisos ligados a peça e ao festival, e NÃO faz parte da obra artística, como um homem negro impostor. Uma pessoa dando avisos e recados é vista como impositiva ou perigosa. Ou será que é pelo fato de ele ser um homem negro e a mulher branca sempre se sentir "sob ameaça" deste mesmo?

Percebemos nas suas palavras uma escuta fechada e que diluí a obra de forma rasa e destrutiva ao começar dizendo que a mesma mantém um pacto de adesão a valores patriarcais. Como isso é possível se a primeira cena trata-se da luta (literalmente) do homem negro contra o racismo estrutural?

Infelizmente a luta do feminismo branco desconsidera muitos ou todos os temas ali abordados: encarceramento em massa, intolerância religiosa, racismo acadêmico, genocídio da população negra, a mãe negra, ancestralidade, exaltação do negro, equidade racial, preservação do legado dos que vieram antes, entre outros. Por coincidência ou não, nenhum dos assuntos abordados dramaturgicamente são citados no seu texto, somente a validação estética.

É enegrecidamente uma guerra de narrativa secular. Nas suas palavras: "Quando Jeff nos conta que a peça tem dois lados, e que vamos torcer para um deles, aparece um outro problema...a poética de adesão incondicional. "

Estamos abertamente falando da luta contra o Racismo Estrutural e a senhora faz um comentário extremamente problemático ao dizer que a luta contra o racismo não deve ser incondicional além de ser pouco convidativa. Para quem está numa posição progressista e pseudamente anti-racista isso nos soa extremamente grave e ofensivo ao que ali está sendo dito e que nos mata diariamente.

É lógico que a única relação possível com a plateia é a concordância ou a senhora acha que ainda existe alguma dúvida sobre o teor da luta anti-racista do trabalho e que devemos impor essa luta a sociedade?

Se a senhora tem ou teve essa dúvida, sentimos lhe informar que você é uma pessoa racista. E tá tudo bem, também é sobre isso. A sociedade é racista. Também é sobre incomodar e tirar do lugar uma branquitude pseudamente desconstruída, que até lê Ana Maria Gonçalves, mas que ainda está diretamente ligada à um passado e pensamento escravagista intelectual, como a não tão saudosa Bárbara Heliodora. Que como a senhora, não construía a crítica teatral como troca e sim apenas reproduzia a supremacia branca de suas referências academicistas. Na tentativa de apagamento das nossas referências ancestrais, sem nem ao menos conhecê-las. E isso faz parte de um inconsciente coletivo racista, não acreditamos que seja um olhar simplista ou apenas da senhora.

No seu texto não existe comentário sobre o diálogo com o audiovisual e seu conteúdo, sobre o real tema do espetáculo ou sobre a importância do que está sendo ali dito e expressado para sociedade.

É trabalho político, afro-referenciado que luta diretamente contra o racismo. A luta contra o racismo será imposta diariamente e atravessará nossos trabalhos quer a senhora ache convidativa ou não. Porque a senhora deve saber o que acontece a cada 23 minutos nesse país.

Sobre as estéticas, o drama, o desenrolado acadêmico da busca do virtuosismo do ator, poderíamos referenciar cena por cena a partir da afro-diáspora, da griotagem e do Teatro Africano, mas acreditamos que seja uma troca desnecessária para o ponto de vista de sua pesquisa e seu olhar viciado.

"A criação de peças dramáticas brasileiras para o artista negro, ultrapassando o primarismo repetitivo do folclore, dos autos e folguedos remanescentes do período escravocrata. Almejávamos uma literatura dramática focalizando as questões mais profundas da vida afro-brasileira. Toda razão tinha o conselho de O'Neill. Uma coisa é aquilo que o branco exprime como sentimentos e dramas do negro; outra coisa é o seu até então oculto coração, isto é, o negro desde dentro. A experiência de ser negro num mundo branco é algo intransferível" (NASCIMENTO, Abdias)

No mais agradecemos o texto, mas não autorizamos a publicação no site Questão de Crítica. Não gostaríamos de ter nossa obra exposta sob um olhar racista.

Esperamos compreensão e estamos sempre abertos ao diálogo, as vezes difícil, porém necessário.

Equipe O GRANDE DIA,

Confraria do Impossível